

TERCEIRA IDADE SOLIDÃO

**VELHAS
SENHORAS
DIGNAS**

CADA VEZ HÁ MAIS MULHERES IDOSAS A VIVER SÓS. SOBRETUDO EM LARES ONDE, MESMO QUANDO BEM TRATADAS, OS DIAS CORREM AO RITMO DO CROCHÉ. FAZENDO E DESFAZENDO MEMÓRIAS. SUPORTANDO SAUDADES DA JUVENTUDE E ESPERANDO O MERGULHO NO ALÉM. A GR CONVERSOU COM SEIS MULHERES QUE HABITAM NO MESMO LAR LISBOETA E COM O MARIDO DE UMA SÉTIMA QUE JÁ NÃO FALA. RETRATOS DE SOLIDÃO.

TEXTO DE SARAH ADAMOPOULOS | FOTOGRAFIA DE ANTÓNIO JÚLIO DUARTE

Quando estas mulheres nasceram, a esperança de vida em Portugal era de 40 anos – de 35 para os homens. Em 1974, as mulheres viviam 72 anos, eles 65; no início dos anos 90, elas esperavam viver 78 anos, eles 70. Entre 1991 e 2001, a população masculina portuguesa com 85 e mais anos duplicou: eram 25 mil e passaram a ser 50 mil. Mas também aqui elas ganham: em 2001, eram já 100 mil. Estimase que um quarto da população idosa dependa única e exclusivamente dos familiares. Em 2001, recensearam-se cerca de 1 700 000 pessoas com mais de 65 anos. Em 2005, estimase que um quinto da população portuguesa seja composta por pensionistas (dados do Instituto Nacional de Estatística).

Pouco tempo depois de chegar ao lar, grande parte passa a ser nomeada no diminutivo, respondendo isto a uma necessidade, a uma demanda afectiva das próprias. Estão surdas, entrevadas, têm «a bexiga rota» ou estão simplesmente tristes. Dependem, na sua maioria, das funcionárias dos lares para as tarefas básicas: ir à casa de banho, comer, mudar a fralda. Algumas estão imobilizadas, não conseguem levantar os braços, alcançar os objectos. Agora a vida é lá fora, fora do lar, nesses outros lugares onde acontecem as coisas que verdadeiramente importam, as que contam para a sociedade, as que dão sentido à vida.

É um eufemismo chamar lar a um lugar onde não moram os nossos filhos, os nossos netos. Mesmo quando é de pequenas dimensões, acolhedor, caseiro, familiar, como o Lar da Minha Avó, em Lisboa, onde estas mulheres estão. Quando os nossos filhos e os nossos netos não conseguem gerir a incapacidade, a doença, a velhice, o fim da vida, o lar transforma-se para muitas pessoas no único lugar onde há sempre alguém para as ouvir,

para lhes aturar as queixas, as neurras, as revoltas. Que também é isso, um lar: o lugar ao qual pertencemos, onde temos direitos.

Quando as funcionárias do lar tiram férias, elas sofrem – têm saudades, esperam que regressem. Há quem prefira não ir a casa no Natal. Muitas coisas podiam ser melhores, como em todas as casas. Quanto mais autónomas estas mulheres foram ao longo da vida, mais difícil se torna aceitarem ser ajudadas, aceitarem a vida dependente, a vida condicionada pela disponibilidade dos outros. Diz quem trabalha com elas que perdem rapidamente o pudor, o medo de incomodar, a recusa irracional em ser ajudadas. Diz quem as conhece e observa que existe uma angústia comum: a de que as rotinas falhem, que às três e meia não se lanche, que o televisor se avarie, que alguém caia. Diz quem as embala que ninguém quer morrer, ninguém. A pulsão de vida é poderosa. Muitos medicamentos utilizados são placebos.

Uma mensalidade em qualquer lar da Grande Lisboa custa pelo menos mil euros. Sem a participação dos familiares, do Estado, das instituições de apoio social, esta tabela nunca poderia ser mantida.

Todas as senhoras contactadas quiseram ser fotografadas, mesmo as que os leitores da GR não verão. Muitas foram arranjar-se, embora avisassem sempre que são já demasiado «antigas» para ficar bem no retrato. Algumas entrevistas não puderam ser realizadas. Porque o registo foi impossível, num dos casos porque a voz se perdeu num AVC, noutra porque o entrevistado não estava nos seus dias: não conseguia produzir raciocínios.

Há quem tivesse tido seis, sete irmãos. Quem trabalhasse a terra como os homens. Quem emigrasse para Lisboa, para «servir». Quem nunca tenha aprendido a ler: «Sou burra.» Quem ache que teve uma vida dura, a que faltou quase tudo. Quando há eleições, ninguém vota. «Peço a Deus para me dar coragem.»



Antónia da Assunção Silva

O CROCHÉ DOS DIAS

Laura Alexandra Pereira

Lisboa, 1922

«POIS É, JÁ NÃO HÁ SONO, JÁ NÃO HÁ FOME... É ASSIM, ESTA IDADE É ASSIM.»

Não me lembro em que sítio nasci, foi lá num lado qualquer de que eu não me lembro... acho que sim, que foi em Lisboa, foi mais ou menos em Lisboa. Não, não me lembro onde nasci, e então?

Casei e fui para África com o meu marido, e depois voltei. 75? Não sei se no dia 25 de Abril estava lá, eu não me lembro, não estou agora a pensar no que fiz nesse tempo... Para lhe dizer a verdade: eu vejo as coisas, ouço as coisas e depois esqueço-as, arrumo o assunto. O dia é hoje, amanhã será outro dia. Hoje estive a fazer ali um croché, desmanchei porque não estava bem; amanhã, se for preciso, já nem me lembro que desmanchei e começo tudo outra vez.

Com esta idade durmo pouco, acordo muito cedo e fico aqui [no quarto] à espera de ouvir gente, deitada em silêncio. Depois levanto-me, vou saber se posso tomar banho, visto-me e continua a mesma vida de sempre, a mesma coisa. Não me lembro quem escolheu este lar, talvez umas pessoas que me indicaram, não sei.

Não tive filhos, o meu marido faleceu – não me lembro quando... – e depois vim

para aqui para não ficar sozinha em casa. As vezes os meus sobrinhos vêm buscar-me. Só saio de manhã porque não gosto de alterar a vida das pessoas; isto aqui tem horas para fazer as coisas.

Não voto, eu já lhe disse que tenho 83 anos, isso agora é com os outros, que eu quero é sopas e descanso. Já não tenho aquele apetite... Pois é, minha senhora, já não há sono, já não há fome... É assim, esta idade é assim. Está a ver isto, minha senhora [o cestinho do croché]? Vou fazendo estas rosetas, vou fazendo conforme a linha que tenho, e depois dou o que faço. Aqui tenho as tesouras para cortar. Pronto, está tudo dito, a minha vida não tem segredos nenhuns, está tudo à vista.

A PROFESSORA APAIXONADA

Antónia da Assunção Silva

Cacela, Algarve, 1915

«TIVE UMA FILHA MUITO BONITA E EU PERGUNTAVA AO MEU MARIDO COMO É QUE NÓS, DOIS CAMAFEUS, TÍNHAMOS TIDO UMA FILHA ASSIM. ELE RESPONDIAM-ME QUE TINHA SIDO O AMOR.»

Tive um pai muito mau, muito senhor da sua vontade, era ferrador, pregava os sapatos nos burros, era muito bom artista. Quando eu nasci a [I Grande] Guerra estava

na força, e acabou-se o material, não havia ferro nem carvão. O meu pai deixou de poder trabalhar e meteu-se-lhe na cabeça ir para França, que estava muito pobre de homens porque os alemães só tinham deixado as velhas e as crianças. A minha mãe, que nunca tinha saído de casa, teve que ir trabalhar para nos dar de comer. A minha avó ainda era viva mas estava como eu, entrevada, tinha tido “um ar que lhe deu”.

Um dia [o presidente do Conselho de Ministros António de Oliveira], Salazar fechou as escolas onde se faziam as professoras [Magistério Primário] porque o País estava muito endividado e era preciso pagar a dívida. E então nomeou uma qualidade de professoras baratas, que tinham a 4.ª classe [regentes], para ensinarem nos montes e nas aldeias. Eu tinha sido muito boa aluna, tinha tido 19 valores no exame da instrução primária, e meteu-se-me na cabeça ser professora. A gente estava uns poucos de meses sem receber porque Salazar tinha de fazer economias para pagar a dívida, e pagou-a, mas à custa do povo. Os governos agora não são melhores, mas o 25 de Abril foi bom porque os pobres são mais atendidos. No meu tempo era uma desgraça, quem deixava de trabalhar deixava de comer. Eu ensinava as crianças daqueles montes a pegar no lápis, eles nem deviam saber comer, eram uns selvagens. Armei-me de paciência, pensando que se eles iam à escola era porque queriam aprender. O meu dever era ensiná-los.

Vivi em Ficalho, concelho de Serpa. Lá conheci o meu marido. Havia um barbeiro em frente à escola e estava lá sempre aquele homem. Eu não olhava para os homens, tinha vergonha, mas eu via-o. Um dia disseram-me que o Chiquinho tinha vontade em mim. Eu ia à biblioteca, eu ia ao correio, e ele aparecia logo. E eu pensava assim: este homem não terá emprego? Um dia estava na biblioteca procurando um livro que não havia, e ele disse-me que me emprestava. Era *A Morgadinha dos Canaviais* [de Júlio Dinis]. Quando abri o livro, a primeira coisa que vi foram uns versos destinados à minha pessoa. Um dia fui a um baile e ele convidou-me para dançar. Disse-lhe que ia fazer uma ruim figura porque eu nunca tinha bailado, mas ele não se importou. Tive uma filha muito bonita e eu perguntava ao meu marido como é que nós, dois camafeus, tínhamos tido uma filha assim. Ele respondia-me que tinha sido o amor.

No Alentejo era preciso andar atrás dos criados, senão eles não faziam nada. O meu sogro, que tinha umas dores que não se aguentava de pé, pediu ao meu marido que ficasse lá em Ficalho a tratar das propriedades.

Não vou à igreja, acho que não há Deus, porque há tanta injustiça no mundo. E Deus, que apregoam que é tão bom, como consente que haja pessoas com vidas tão duras como a minha e a da minha mãe?

A AMIGA DE DEUS

Pulquéria Júlia da Silva

Cuba, Alentejo, 1914

«PEÇO A NOSSA SENHORA DE FÁTIMA QUE ME AJUDE E ELA ATENDE-ME, E SINTO-ME MENOS MALUCA E MENOS DOENTE.»

A minha madrinha tinha uma quantidade de afilhados e punha o nome dela aos afilhados todos. A minha mãe morreu quando eu tinha oito anos. Tinha uma perna muito inchada, a perna foi inchando, foi inchando, parecia um trambolho, e aquilo chegou ao coração e ela morreu.

Vim para Lisboa com 14 anos, com um pedido para trabalhar num laboratório de produtos de farmácia. Lavava os frascos, enchia-os, lavava as batas do pessoal, fazia o comer.

Namorei pouco tempo porque o meu marido precisava de quem tomasse conta dele, de quem tratasse da roupa e do comer dele. O meu marido era da província, lá de cima do Norte, de perto de Aveiro. Era padeiro, era um bom homem, muito meu amigo, Deus levou-o e bastante falta me faz. Tive uma filha. Não sei ler. Aprendi a fazer o meu nome, mas agora já não sei, porque nunca mais assinei. O meu marido disse-me antes de morrer que eu ia sentir muito a falta dele, e não se enganou.

Isto [o lar] é uma grande despesa. A minha pensão é pequena, não dá para pagar, o meu genro é que põe o resto. Estou sempre a pensar no grande prejuízo que estou a dar à minha filha, e a minha cabeça trabalha, trabalha... Agora estou coxa, não posso fazer nada, custa-me a ver, já nem consigo fazer renda. Quando estou amachucada comigo mesma sinto-me doente. O que eu fui e no que eu me tornei...!



Pulquéria Júlia da Silva

Nunca saio daqui, já não posso. Se pudesse sair, gostava de ir a Fátima. Aqui às vezes vão ao teatro, mas eu nunca quero ir porque não posso ir para o teatro com isto [o andarilho]. Sou crente. Deus é muito meu amigo. E Nossa Senhora também. Peço a Nossa Senhora de Fátima que me ajude e ela atende-me, e sinto-me menos maluca e menos doente.

A ADMIRADORA DE SALAZAR

Fernanda Maria Leitão

Sines, 1914

«O MEU MARIDO NÃO GOSTAVA MUITO DO SALAZAR PORQUE NA POLÍCIA ELES GANHAVAM POUCO. MAS O SALAZAR FOI UM GRANDE HOMEM, PORQUE PORTUGAL ESTAVA EMPENHADO E ELE DESEMPENHOU-O.»

Tinha 13 anos já andava à costura, tinha um grande gosto naquilo de costurar. Eu era gémea, mas o meu irmão morreu com 15 anos. Eu estava em casa de uma sobrinha e estava lá bem, nada me faltava, mas é um casal de gente ainda nova, com uma vida ocupada, com os filhos já criados e queriam ir para aqui e para ali. Entendi que não devia ser empecilho de ninguém. Estou bem, sinto-me bem, durmo bem, só os ossos é que me chateiam

um bocadinho... e às vezes fico um bocado nervosa, há qualquer coisa que me comove e eu enervo-me.

O meu marido era polícia de trânsito. Faz agora 32 anos que o meu querido marido morreu. Não tive filhos. Lembro-me perfeitamente do 25 de Abril. Para mim foi bom num sentido: eu já era viúva e estava com uma pensão de 300 escudos por mês (por causa de uma quota que o meu marido pagava no Montepio Geral) e só depois disso é que tive direito a uma reforma de cinco contos. Isto há 30 anos. Era pouquinho, mas fiquei contente, e depois foi aumentando. De resto, nada mudou. Tinha que me governar com aquilo que tinha, mas de resto ficou tudo igual. Eu só estendia a perna à medida do lençol!

O meu marido não gostava muito do Salazar porque na polícia eles ganhavam pouco. Mas o Salazar foi um grande homem, porque Portugal estava empenhado e ele desempenhou-o.

Deus vai-me dando um bocado de saúde e de mentalidade naquilo que digo. A minha vida agora já não é nada, não tenho pressa de morrer, já não faço falta a ninguém, mas só peço uma coisa a Deus: que Ele, quando se lembrar de me levar, que me leve para onde Ele quiser, mas que seja uma coisa rápida, que eu não sofra e que não faça sofrer ninguém. Sim, cá se fazem e cá se pagam. Deus talvez não durma.



Fernanda Maria Leitão



Deolinda Marques Rodrigues

Tenho uma amiga que é como uma irmã e que vem ver-me todas as semanas; vamos até ali ao jardim da Gulbenkian, estamos ali um bocado, depois volto.

A PRIVILEGIADA CONSCIENTE

Deolinda Marques Rodrigues
Mação, Beira Baixa, 1916

«QUERO SER QUEIMADA, NÃO QUERO DAR TRABALHO A NINGUÉM, COM A CAMPA E OS OSSOS. TENHO FÉ QUE DEUS VÊ TUDO E NOS PROTEGE, MAS NÃO ACREDITO NO PARAÍSO.»

Eu vivia bem e tinha uma criada que esteve lá até o meu marido falecer. Nessa altura, ela foi-se embora porque estava muito velhinha e arranjou-me uma outra criada mais nova que me roubou tudo. Drogou-me, foi-me às malas, foi-me aos armários e tirou tudo. Ela, naturalmente, tinha um homem qualquer que acartou aquilo com um carro. E eu, de tão drogada que estava, fui à cama. Ela deu cabo de mim. O meu filho foi lá dar comigo sozinha. Já não tinha nada em casa – e eu tinha casacos de peles, tinha estolas. Ela levou tudo.

O País antigamente era um bocado diferente, mas eu não tinha bem a noção do que se passava porque não tive muita prática na vida. Era muito mimada, estava muito resguardada. O meu irmão era um bocado político, mas eu nunca o procurei para esses assuntos. Uma vez fui operada e como o meu irmão tinha muitos amigos, recebi muitos ramos de flores.

Sim, fui uma pessoa privilegiada, havia muita miséria no País mas a mim nunca me faltou nada. Ir para outro sítio? Não, daqui só para o cemitério. Quero ser queimada, não quero dar trabalho a ninguém, com a campa e os ossos. Acredito em Deus, sim, rezo pela alma do meu marido e sei que Deus está a ver-nos. Tenho fé que Deus vê tudo e nos protege, mas não acredito no Paraíso. Tenho fé que vou encontrá-Lo... mas não sei, também sou pecadora, como os outros, e nunca se sabe.

Agora já não faço nada, só leio revistas. Ando a ler a *Hola*. Não me dá para ler outras coisas, e coisas maçudas nem pensar.

A minha reforma é só 70 contos. O meu filho tem muita despesa comigo, e isso custa-



Julieta Lourenço

-me, mas ele diz que eu que lhe dei tudo e que agora é a vez dele.

A CABEÇA É QUE PAGA

Julieta Lourenço
Moçambique, 1951

«O MEU MARIDO BEBIA, BEBIA SEMPRE UMA GARRAFA DE UÍSQUE OU DE BAGAÇO, E EU DIZIA-LHE: "Ó VÍTOR NÃO BEBAS TANTO!" MAS ELE BEBIA NA MESMA.»

Nasci em Moçambique. Vim para Portugal em 1977 porque os pretos andavam a perseguir os brancos e eu não queria que eles me perseguissem a mim também. Não gosto de Portugal. O meu pai morreu a descer umas escadas e a minha mãe morreu com Alzheimer. Reformei-me aos 43 anos, muito nova, porque tinha uma doença na cabeça que ninguém descobria o que era. Depois fui ao psiquiatra e ele descobriu.

Trabalhava no Arquivo de Identificação de Lisboa, no guiché, no atendimento ao público. Não escolhi este lar, foi a minha mãe que me meteu aqui porque eu estava doente da cabeça. Estou cá há seis anos. Gosto de estar aqui, não me fazem mal, tratam-me bem. Levanto-me quase ao meio-dia, gosto de dormir de manhã. Tomo o pequeno-almoço às 10h00, e durmo mais

um bocadinho. Depois dou por aí uma voltinha, almoço e durmo sempre a sesta. Às vezes vou à rua, outras não. Sim, sou das poucas senhoras que saem, as outras já estão muito velhotinhas, têm já muita idade.

Não tenho saudades nenhuma de ter um namorado. O meu marido bebia, bebia sempre uma garrafa de uísque ou de bagaço, e eu dizia-lhe: «Ó Vítor não bebas tanto!» Mas ele bebia na mesma. Não tivemos filhos. Deixei-o morrer, ele morreu por ele próprio. Morreu com uma cirrose.

Não vejo expectativas para o futuro. Acredito em Deus. É quem me há-de tirar daqui. Deus é um ser humano, não é um ser humano como nós, mas é um homem, só que maior do que todos nós, maior do que o mundo. Está no Céu, quando estou muito nervosa falo com Ele, mas Ele não me ouve, porque é Deus-Universo, é o Espírito Santo, e por isso não me pode ouvir.

O HOMEM DA CASA

Fernando Mendes
Tomar, 1931

«VENHO CÁ TODOS OS DIAS, CLARO. VOU FAZER O QUÊ? VOU DORMIR? VOU PARA OS COPOS? AO PÉ DELA É QUE EU ESTOU BEM. É AO PÉ DELA QUE EU PERTENÇO. NÃO TENHO PRAZER NENHUM EM IR PARA CASA...»

A minha mulher [Maria Rosa Mendes] tem 77 anos. Conhecemo-nos em Lisboa. A minha mulher teve um AVC [acidente vascular cerebral] há uns anos. Eu era canalizador. Ela tinha uma osteoporose em fase muito avançada. Foi operada a um fémur e puseram-lhe uma prótese. Isto foi há 20 e tal anos. Estive em casa uns anos com ela, sozinho. O meu filho ia aos fins-de-semana e ajudava-me a dar banho à mãe. Começaram a dizer-me que eu não podia ficar sozinho. E que tinha direitos. Informei-me na junta [de freguesia]. Houve uma pessoa da Assistência Social que começou a ir lá a casa para tratar dela.

Escolhi este lar de uma lista. Fica perto da minha casa. A Santa Casa paga cerca de metade da mensalidade. A minha reforma é pequenina. Como é que eu tinha meios para pagar isto? Com a reforma da minha mulher, ainda tenho que pôr 200 euros.

O País estava melhor antes do 25 de Abril. Eu não sabia o que era a política, nessa altura ninguém sabia essas coisas. Mas eram tempos melhores. É por dizer que agora se pode falar à vontade e na altura não. Eu nem sabia o que era a PIDE! As pessoas iam lá para fora, mas não era por causa da política, era por causa do trabalho...! Depois do 25 de Abril tive uma quantidade de pessoas a trabalhar para mim que eu só me apetecia era apertar-lhes o pescoço, andavam metidas na droga, por tudo e por nada roubavam, enfim...

Tenho que lavar roupa, lavar louça, fazer o comer para mim... Se tivesse verba, eu também ia para um lar.

Venho cá todos os dias, claro. Vou fazer o quê? Vou dormir? Vou para os copos? Ao pé dela é que eu estou bem. É ao pé dela que eu pertença. Não tenho prazer nenhum em ir para casa...

Fui baptizado e crismado pela Igreja Católica, mas não sou praticante. Sou capaz de ir a uma igreja e porto-me como deve ser, mas acho que morro e acabou. Não sei o que se passa quando Deus nos chama, nunca ninguém cá voltou para contar.

Os homens foram à Lua, sei que é verdade, mas há tantos filmes e tantas mentiras, há tanta fantasia, que uma pessoa fica na dúvida. A política, a religião e o futebol são três coisas iguais: cada um acredita no que quer! ■